

## 4ª LIÇÃO

### A EXISTÊNCIA DE DEUS - MORALIDADE

**É** um facto bem conhecido que as acções têm consequências. Também é um factor bem conhecido que as crenças têm implicações. O que a pessoa crê é a força maior detrás de seu próprio comportamento. Toda a pessoa no mundo crê que algumas coisas são correctas e outras incorrectas. Por conseguinte, toda a pessoa tem algum sistema de moralidade e ética.

### A MORALIDADE E A ÉTICA

Quando começámos este estudo acerca da importância e a origem da moralidade e a ética, uma breve definição de termos é apropriada. A palavra castelhana “moralidade” vem do latim *mores*, que significa hábitos ou costumes. Portanto, a moralidade é o hábito de seguir as regras da conduta apropriada. “Ética” vem de uma palavra grega que quer dizer “carácter”. A definição da ética, segundo o dicionário comum, é “a disciplina que se ocupa do que é bom e mau ou correcto e incorrecto; um grupo de princípios morais ou uma série de valores”. Então, a ética é o sistema que uma pessoa usa para determinar que coisas são correctas e incorrectas. A moral e a ética têm a ver com a conduta apropriada, o dever e a virtude (ou, em poucas palavras, com como devemos comportar-nos). A pergunta agora entre nós é: Como **devemos** comportar-nos?

Se os conceitos tais como o “bom e o mau, o correcto e o incorrecto” existem, como fazemos para determinar se um caso em particular é correcto ou incorrecto? Às vezes a gente não se põe de acordo na maneira exacta para decidir se algo é correcto ou incorrecto. Sem dúvida, todos estamos de acordo que algumas coisas são correctas e outras incorrectas. A moral e a ética são padrões universalmente aceites entre a família dos seres humanos. Portanto, a sua origem deve ser explicada. Expondo simplesmente, existem somente duas opções. Ou a moralidade e a ética se originaram na mente de Deus, o Qual é a fonte de bondade, ou teve a sua origem no mesmo homem.

Uma coisa é certa. As escolhas que fazemos hoje em dia estão a ficar cada vez mais complexas. Deveríamos aprovar o aborto? Estimularemos a barriga de aluguer? Deveríamos defender a pena de morte? Recomendaremos a eutanásia? Nós não podemos responder a estas e outras perguntas similares, em nenhuma maneira significativa, dependendo meramente em nossas intuições individuais ou emocionais. Tampouco poderíamos respondê-las apelando ao passado. Em muitas maneiras, os problemas com que nos enfrentamos hoje em dia, são distintos com os que se enfrentaram nas gerações passadas. Como fixaremos os nossos princípios?

A pessoa que recusa reconhecer a existência de Deus tem somente uma escolha que fazer quando se trata de explicar a moralidade – esta deve ter tido a sua origem no mesmo homem. Não obstante, já que o homem é visto como um pouco mais que o último animal produzido pelo largo e incoerente processo de casualidade da evolução, isto se converte num problema. Um leão não é assolado pela culpa depois de matar uma gazela para o seu almoço. Um cão não experimenta remorsos depois de roubar o osso de outro cão. Sem dúvida o homem, que também se supõe que tem evoluído, sente culpa e remorsos quando comete certos actos que violam as normas aceites da moral e a ética.

Se a nossa sociedade estivesse baseada sobre o conceito da evolução ateia, esta Terra seria um miserável lugar para viver. O famoso evolucionista da Grã-bretanha, Dr. Richard Dawkins, uma vez admitiu que crer na evolução e depois actuar conseqüentemente sobre essa crença produziria “uma repugnante sociedade na qual viver”. Com efeito seria assim. Alguns anos atrás, outro evolucionista muito conhecido Dr. Desmond Morris, escreveu um livro – *The Naked Ape (O Macaco Nú)* – acerca da evolução do homem. Esse título traz à mente uma interessante pergunta. Já que nenhum outro animal, através de toda a história evolutiva, tem sido capaz de situar-se e viver sob normas morais, deveríamos, de alguma maneira, confiar em que o homem - como um “macaco nu”-consegue algo melhor? A matéria - por si mesma - não tem o poder de “evoluir” **algum** sentido ou consciência de moral. Se não há um propósito no Universo (o qual é a posição que os evolucionista estão forçados a tomar), então não há propósito para a moralidade e a ética.

Portanto a incredulidade deve argumentar (e argumenta!) que não há padrão final ou verdade ética/moral e que, no melhor dos casos a moralidade e a ética são diferentes para cada um. Se isso

fosse verdade, quem poderia alguma vez sugerir que a conduta de alguém foi “incorrecta”, ou que essa pessoa “deve” ou “não deve” fazer algo? O certo é que os incrédulos não podem explicar a origem da moralidade e a ética. Quer o incrédulo esteja disposto a admiti-lo ou não, se não existe Deus, então, o homem vive num ambiente onde “qualquer coisa vale”. Quando o famoso autor Fyodor Dostoyevsky escreveu o seu livro, *The Brothers Karamazou* (*Os Hermanos Karamazov*), ele fez que uma das personagens principais (Ivan) dissesse: “Se não há Deus, tudo é permitido”. Ó, quão verdadeiro! Se a evolução está no correcto e não há Deus, as pessoas podem fazer tudo o que querem. Por conseguinte, seria impossível formular qualquer sistema de ética pelo qual uma pessoa pode fazer a diferença entre o que é “correcto” ou “incorrecto”.

Se há uma maneira de alcançar uma conclusão racional sobre o que é a ética, o homem se encontra perdido num mar de desespero onde o “poder tem a razão”, onde o forte esmaga o débil” e onde cada homem faz o que é correcto diante dos seus próprios olhos. A moralidade e a ética sem Deus não é uma figura bonita como as seguintes investigações de alguns diferentes sistemas de moralidade documentam tão bem.

**O Relativismo**, por exemplo, diz que não existem regras universais para determinar a moralidade e a ética. Já que todo o sistema de valores é considerado como o resultado da cultura e o meio ambiente, então um sistema é exactamente tão bom como o outro; Nenhum sistema tem o direito de clamar que é o sistema “correcto” que o homem deve usar para determinar os seus actos. Segundo o relativismo, se uma sociedade quer matar a todas as crianças de 8 anos de idade ou menores como meio de controlo de povoação, ninguém poderia dizer (legitimamente) que isso é algo “incorrecto”. Sem dúvida, todos os seres humanos sabemos que algumas coisas são correctas e outras são incorrectas. Realmente é algo difícil (se não impossível) encontrar uma sociedade na qual um homem seja aplaudido por atraiçoar aqueles que lhe oferecem a sua amizade, matar voluntariamente aos seus próprios filhos, ou cometer traição contra a sua nação. Por essa razão, muito pouca gente está disposta a defender o relativismo absoluto.

**O Hedonismo** é a filosofia que clama que o objectivo da conduta “moral” é conseguir o maior prazer possível com a menor quantidade de dor. De facto, um ateu famoso, Aldous Huxley, disse

que ele tinha as suas próprias razões para insistir numa sociedade onde a “incoerência” reine supremamente. Ele queria um mundo sem significado já que dizia que sentia que a moralidade “interferia com a sua liberdade sexual”. Você não tem que ler entre as linhas de tal enunciado para entender o seu ponto, ou sim? O hedonismo basicamente diz que se uma acção provê prazer à pessoa que o está fazendo e realmente não danifica a ninguém, então é aceitável.

Ainda, considere as consequências finais desta classe de pensamento. Enfermidades transmitidas sexualmente estão ocorrendo em grandes proporções através do globo. As gravidezes de adolescentes são incontroláveis. Bebés nascem de antemão infectados com enfermidades mortíferas, como a SIDA, porque as suas mães contraíram essas enfermidades durante a sua gravidez e a passaram aos seus filhos antes de nascerem. Em muitos lugares, os divórcios são tão comuns que igualam ou superam ao número de matrimónios. As cidades estão cheias de violadores, traidores, e abusadores de menores. Que mais? Diga-nos por favor, teremos que equivocarnos antes que chegue a ser aparente que o atentar viver sem Deus é errado?

**O Utilitarismo** é o sistema de crença que sugere que o “bom” é determinado pelo que produz a maior quantidade de prazer para o maior número de gente. Uma explicação exacta para este ponto de vista é encontrada num livro por Katherine Tait, a única filha do renomeado agnóstico inglês, Bertrand Russell. Em *My Father, Bertrand Russell (Meu Pai, Bertrand Russell)*, a Sra. Tait descreveu como foi viver na família Russell com os seus irmãos. Ela comentou, por exemplo, que o seu pai creia firmemente que os pais deveriam ensinar a uma criança “com o seu primeiro alento com o qual entrou no mundo moral”. Mas como qualquer evolucionista, o seu pai tinha uma grande dificuldade para defender tal posição. A Sra. Tait relatou no seu livro o facto de que, como uma criança diria, “não quero fazê-lo; por que deveria?” quando seu pai lhe dizia que ela “devia” fazer algo. Ela observou que um pai normal pode responder dizendo, “porque assim o digo”, ou “porque assim o disse teu pai”, ou “porque assim o disse Deus”. Sem dúvida, o certo é que Bertrand Russell não foi um pai “normal”. Ele diria à jovem Katherine, “Porque mais gente será feliz se o fazes que se não o fazes”. “E quê” ela gritaria. “Não me importa a outra gente!” “Oh, mas deverias”, seu pai responderia. Na sua juvenil ingenuidade, Katherine perguntaria, “mas, por quê?” Ao que seu pai então responderia: “Porque mais gente será feliz se o fazes do que se

não o fazes”. Não obstante, ao final, a Sra. Tait escreveu: “Nós sentíamos a pesada pressão da sua rectidão e obedecíamos, mas a razão não era convincente – nem para nós nem para ele”. Seria convincente – para qualquer ser humano racional?

**O Situacionismo** é a ideia de que algo é “correcto” porque uma pessoa decide que é correcto em algum caso dado. De acordo com esta filosofia, não há nada que sempre é correcto ou que sempre é incorrecto; cada situação individual determina a correcção de uma acção.

Portanto, se um homem sensato decide que é o “correcto”, em certa situação, matar os seus companheiros de negócios, como poderíamos (justificadamente) pedir a alguém (como à polícia) que o pare? Ao contrário, algumas coisas **sempre** são correctas e outras **sempre** incorrectas. O Situacionismo não é uma filosofia que valha a pena porque não pode estar de acordo com a irrefutável moralidade que é reconhecida por todos os seres humanos como legítima e necessária. Além disso, quando duas pessoas se encontram numa situação da vida real, e um quer fazer uma coisa enquanto que a outra quer fazer outra coisa completamente diferente, então, quem está no “correcto”? Sem nenhum sistema absoluto, a quem corresponde a escolha?

**O Determinismo** é a ideia de que o homem não é realmente responsável pelas suas acções. Esta crença clama que o largo processo evolutivo instalou no homem certos instintos que determinam as suas acções. Então, de acordo com este conceito, uma pessoa pode fazer qualquer que sente fazer e não ser tomado como responsável pela mesma. Por exemplo, se uma pessoa rouba algo, quem é responsável? O determinismo clamaria que o seu “passado evolutivo” é responsável, ou que “seu génesis o impeliram a fazê-lo”. Mesmo o sentido comum nos diz que toda a pessoa racional é responsável pelos seus próprios actos – se não, por que nos molestaríamos tendo leis, polícias, cortes, juízes, ou cárceres!

## O IMPACTO PRÁTICO DA MORALIDADE E A ÉTICA SEM DEUS

O que uma pessoa crê determina grandemente o seu comportamento. Este facto pode ser visto facilmente vendo os efeitos das crenças incorrectas concernentes à moralidade e à

ética. Que terrível preço nós, seres humanos temos pago por nossas crenças incorrectas - e as acções baseadas nestas crenças! Na ordem evolutiva de coisas, o homem ocupa a mesma posição de um animal. Ele pode ser mais entendido, mais intelectual, e mais intrigante que os seus homólogos no reino animal, mas quando tudo é dito e feito, ele todavia é um animal. Portanto, a pergunta surge por obrigação: Por que deveria o homem ser tratado de maneira diferente a um animal quando a sua vida não é considerada mais meritória? A verdade deve ser dita, não há razão para tal facto. Desde o berço até ao túmulo, a vida - desde o ponto de vista evolutivo - é considerada como “desejável”. Por conseguinte, não é surpreendente que vejamos seres humanos “débeis” e “não desejados” destruídos exactamente como se **fossem** animais. Em 22 de Janeiro de 1973, a Corte Suprema dos Estados Unidos em um voto de 7-a-2, decidiu que o embrião humano que cresce na matriz humana já não é “humano”. Dizendo melhor, é uma “coisa” que pode ser desgarrada, sacrificada, e atirada no depósito do lixo mais próximo.

Segundo Charles Darwin, os membros “mais débeis” da sociedade são incompetentes, e sob as leis da natureza, normalmente não sobreviveriam. Quando um cavalo de corrida perfeito tropeça e rompe a sua pata, e inclusivamente o veterinário mais hábil é incapaz de repará-lo, o animal é frequentemente tirado de sua miséria com uma bala no cérebro. Não obstante, esse cavalo de corrida não é o pai de alguém, mãe, irmão, ou irmã - que é a razão pela qual disparamos aos cavalos. Já que a natureza “selecciona contra” o animal mais débil, e já que o homem é visto como um animal, por que deveria o homem esperar ser melhor tratado? Quem é mais débil que um pequeno bebé crescendo na matriz? O bebé não pode defender-se a si mesmo, não pode alimentar-se a si mesmo, e não pode mesmo falar por si mesmo. Ele (ou ela) é completamente dependente da mãe para viver. Por conseguinte, deveria surpreender-nos que alguns estejam dispostos a figurativamente “disparar uma bala em seu cérebro” e assassiná-lo através do aborto - como se este fosse tão desnecessário como um cavalo aleijado?

Uma vez que aqueles que são indefesos, débeis, e **pequenos** se tornam desnecessários, quem será o próximo? Será o indefeso, débil e **velho**? Serão aqueles a quem a enfermidade os faz “incapazes” de sobreviver em uma sociedade que valoriza a beleza e a força? Serão aqueles que são coxos, cegos ou aleijados? Serão

aqueles de quem o seu coeficiente intelectual está debaixo de certo ponto, ou dos quais a sua pele é de diferente cor? Alguns em nossa sociedade já estão clamando que um tal processo de “limpeza” seja feito legal, usando eufemismos tais como a “eutanásia” ou “morte piedosa”. Depois de tudo, disparamos aos cavalos, não?

## **A MORALIDADE, A ÉTICA, E A EXISTÊNCIA DE DEUS**

O falecido ateu da Universidade de Harvard, George Gaylord Simpson, uma vez escreveu que a “moral só surge no homem”. Por dizer isto, ele verificou (se pretendeu fazê-lo ou não) o facto de que a moralidade é algo único da humanidade. Nunca dois símios se sentaram e disseram, “Hei, eu não tenho uma boa ideia. Hoje vamos falar acerca da moralidade e a ética”. Ainda muito frequentemente se ensina às crianças que eles são um pouco mais que “macacos nus” - e eles são suficientemente inteligentes como para averiguar exactamente que significa isso.

Convença os meninos de que eles descendem dos animais - e eles actuarão como animais! Com armas explosivas, crianças (algumas tão jovens como de 10 e 11 anos de idade) guardando rancor ou querendo estabelecer um marcador, caminham pelos passadios de colégios, aulas, e bibliotecas, disparam até que tenham esvaziado cada cartucho de todas as câmaras das armas, e contemplam com alegria como os móveis, mestres e companheiros de classe caem silenciosamente a seus pés. Logo, pais, administradores e amigos se congregam em meio da cena e se perguntam: “Em que nos equivocámos?” Sem dúvida, por que deveríamos horrorizar-nos e enfurecer-nos por tal conduta? De acordo com as leis naturais, somente o forte sobrevive. Se às crianças lhes foi ensinado que a religião é um sinal externo de debilidade interior - um apoio usado por gente muito débil e cobarde para “desculpar os seus próprios problemas”. Então, por que deveríamos estar surpreendidos, em absoluto quando eles actuam em conformidade com isto (inclusive com violência)? Depois de tudo, a “lei” da natureza é “matar ou ser morto”.

O certo é que o foco que declara que a moralidade se originou na mente de Deus é lógico e internamente consistente. Somente o foco que conta com Deus no Universo pode prover uma série objectiva e absoluta de morais e ética. Mas por quê é este o caso?

A moralidade verdadeira está baseada no factor da imutável natureza de um Deus Todo-poderoso. Ele é eterno (I Timóteo 1:17)), justo e recto (Salmos 84:14), sempre consistente (Malaquias 3:6). Em um sentido essencial, somente Deus é bom (Marcos 1:18). Além disso, já que Ele é perfeito (Mateus 5:48), a moralidade que vem de tal Deus é boa, imutável, justa e consistente - exactamente o oposto ao relativismo, determinismo, ou a ética situacional do mundo.

Quando a gente sugere que os seres humanos sentem responsabilidade por acções equivocadas, reconhecem que há efectivamente dentro de cada homem, mulher e criança, um sentido de responsabilidade moral que vem do facto de que Deus é nosso Criador (Salmos 100:3) e que nós fomos feitos em Sua imagem espiritual (Génese 1:26,27). Como o oleiro tem o direito de reger sobre a argila que molda (Romanos 9:21), assim o nosso Fazedor tem o direito soberano sobre a Sua criação já que em Sua mão “está a alma de todo o vivente” (Job 12:10). Como a personagem bíblica Job aprendeu demasiado tarde; Deus não é um homem com o qual uma pessoa pode discutir (Job 9:32).

Em absoluto, Deus faz, manda, e aprova o que é bom (Salmos 119:39,68). O que Ele manda resulta do que Ele é, e portanto também é bom. No Antigo Testamento, o profeta Miquéas declarou de Deus: **“Ó homem, o que é bom, e que é o que o Senhor pede de ti: senão que pratiques a justiça e ames a beneficência e andes humildemente com o teu Deus.”** (Miquéas 6:8). No Novo Testamento, o apóstolo Pedro escreveu: **“Mas, como é santo aquele que nos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver.”** (I Pedro 1:15).

A ideia principal da ética baseada em Deus refere à relação do homem com o seu Criador. Deus, em si mesmo é o padrão imutável da lei moral. A Sua perfeita natureza santa é o fundamento sobre o qual o “correcto” e o “incorrecto”, o “bom” e o “mau” está constituído. A vontade de Deus é o ponto essencial da obrigação moral. Por que devemos ser santos? Porque Deus é santo (I Pedro 1:16). Por que não devemos mentir (Colossenses 3:9)? Porque Deus não mente (Hebreus 6:18). Já que a natureza de Deus é imutável, por conseguinte esta lei moral, que reflecte a Sua natureza divina, é igualmente imutável.



Embora tenha havido tempo na história da humanidade quando cada homem **“fazia o que era correcto em seus próprios olhos”** (Juízes 17:6), isso nunca foi o plano de Deus. Ele não nos deixou a nossos próprios recursos para determinar o que é correcto ou incorrecto, porque Ele sabia que, por seu coração pecaminoso, o homem chegaria a ser **“extremamente corrupto”** (Jeremias 17:9). Portanto, Deus **“disse”** (Hebreus 1:1), e ao falar Ele fez saber ao homem as Suas leis e regras através da Bíblia (II Timóteo 3:16,17). Por conseguinte, se espera da humanidade o actuar numa maneira moralmente responsável (Mateus 19:9; Actos 17:30,31), seguindo as leis e regras bíblicas.

Finalmente, cada um de nós se apresentará perante **“o justo juízo de Deus, o qual pagará a cada um conforme as suas obras”** (Romanos 2:5,6). Portanto nos beneficia **“viver sobre justa, e piedosamente este presente tempo”** (Tito 2:12) já que um facto é certo: Todo o homem enfrentará as gélidas águas da morte. Enfrentaria a morte tendo vivido a sua vida com morais ateias e éticas vacilantes, ou chegaria à morte sabendo que seguiu a moralidade, que é imutável e certa, já que esta se originou da natureza de um grande Criador-Deus?

